

Notas e visões sobre o Egitsü/Kwarup

Leonardo Pinto de Almeida¹

Universidade Federal de Mato Grosso

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. *Notas e visões sobre o Egitsü/Kwarup. Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (27): 479-518, setembro a dezembro de 2024. ISSN: 2358-5587

Resumo: O presente ensaio compartilha por meio de imagens e palavras a experiência relativa à festa dos mortos chamada pelos povos do Alto Xingu de Egitsü/Kwarup. Essa celebração ocorre nos meses de agosto e setembro. Este é o período do ano em que é possível prover pequi, beiju e peixe com a abundância necessária para a execução da festa. Neste texto, são apresentadas fotos de três celebrações distintas nos povos Kalapalo, Nahukua e Kuikuro, ocorridas respectivamente nos anos 2019, 2023 e 2024. Compondo com o tecido imagético, os mitos do pequi e do Egitsü/Kwarup são contados para dar uma ideia da cosmovisão que funda e sustenta a festa, para assim, indicar junto às imagens as suas diversas etapas, decorridas os três dias que finalizam o processo de luto.

Palavras-chave: Xingu; Egitsü; Kwarup; mito; morte.

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Professor do Instituto de Linguagens e do Programa de Pós-graduação em Linguagens (PPGel/UFMT) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (PPG-Psi)/UFF.

Notes and views on Egitsü/Kwarup

Abstract: This essay shares, through images and words, the experience related to the festivity of the dead called *Egitsü/Kwarup* by the people of *Alto Xingu*. This celebration takes place in the months of August and September. This is the period of the year when it is possible to provide the abundance of *pequi*, *beiju* and fish needed to carry out the festivity. This text presents photos of three different celebrations in the Kalapalo, Nahukua and Kuikuro peoples, which took place respectively in the years 2019, 2023 and 2024. Composing the imagetic issue, the myths of the *pequi* and the *Egitsü/Kwarup* are told to give an idea of the worldview that founds and sustains the party, in order to indicate, alongside the images, its various stages, after the three days that complete the process in mourning.

Keywords: Xingu; Egitsü; Kwarup; myth; death.

Notas y opiniones sobre Egitsü/Kuarup

Resumen: Este ensayo comparte, a través de imágenes y palabras, la experiencia relacionada con la fiesta de los muertos llamada Egitsü/Kwarup por el pueblo del Alto Xingu. Esta celebración se lleva a cabo en los meses de agosto y septiembre. Esta es la época del año en la que es posible proveer la abundancia de *pequi*, *beiju* y pescados necesarios para llevar a cabo la fiesta. Este texto presenta fotografías de tres celebraciones diferentes en los pueblos Kalapalo, Nahukua y Kuikuro, que tuvieron lugar respectivamente en los años 2019, 2023 y 2024. Al componer el tejido con las imágenes, se cuenta que los mitos del *pequi* y los *Egitsü/Kwarup* dan una idea de la cosmovisión que funda y sostiene la fiesta, para indicar, junto a las imágenes, sus distintas etapas, luego de los tres días que finalizan el proceso de duelo.

Palabras clave: Xingu; Egitsü; Kwarup; mito; muerte.

Aos meus amigos Kusse Kuikuro, Taliko Kuikuro e Mátula Kalapalo por sua amizade e acolhimento.

Neste ensaio, evocarei o mito e a festa do Egitsü/Kwarup², mas não como um pesquisador tocado por uma certa objetividade científica. Meu olhar direcionado a eles foi inspirado na amizade e me colocou de outro modo diante de suas dimensões éticas, políticas e, sobretudo, estéticas. Vou atravessar, aqui, algumas histórias que fundamentam um modo de vida muito diferente desse que foi ensinado a nós pelos invasores e colonizadores. Estas histórias fundam onde faremos morada partindo do ponto de vista do amigo.

Mas aqui não falo como o amigo do conhecimento, este que nos ensinou que todo mito dito é verdadeiramente maldito. Isso nos foi herdado do pensamento europeu, mediante os processos de colonização que sofremos.

O olhar do amigo é o olhar que se coloca no lugar do outro, porque o outro como amigo é muito mais que um lugar, é um lar.

Diferente da hierarquização dos modos de vida, imposta pelo pensamento europeu e cristão, os indígenas ou os ameríndios, têm seu modo de vida inspirado na ideia de que todos os seres possuem alma. Então, ter alma não me diferencia da perdiz, da coruja ou de qualquer outro animal. A hierarquia não é imposta em sua sociedade, pois todos os seres estão no mesmo plano ou campo imanente. O que os diferencia não é a alma, como dizem, mas o corpo. Toda a perspectiva do seu modo de ser é dada a partir dos corpos (CASTRO, 2017). Este é um pensamento simples e sofisticado; simples, mas não no sentido que pensavam os colonizadores. Simples aqui, significa sem dobrar, porque estão na imanência da experiência de viver e morrer; sofisticado, porque, mesmo sendo simples, não temos capacidade de viver ou morrer como eles. Até hoje, não conseguimos compreender este modo de vida, que é um dos poucos que defende a natureza e protege o planeta de nós mesmos, os colonizados.

Só a amizade nos aproxima de sua elegância, sofisticação e simplicidade. E o mito é a história que encanta a vida e a morte, construindo toda uma práxis para a vida em sociedade.

Os animais dos mitos que vou contar são como os humanos. Esse é o mais belo ensinamento que os mitos que evocarei aqui podem nos indicar: a ideia de humanidade nos povos indígenas do Alto Xingu é muito mais ampla do que a dos nossos colonizadores, já que inclui todos os seres que possuem alma.

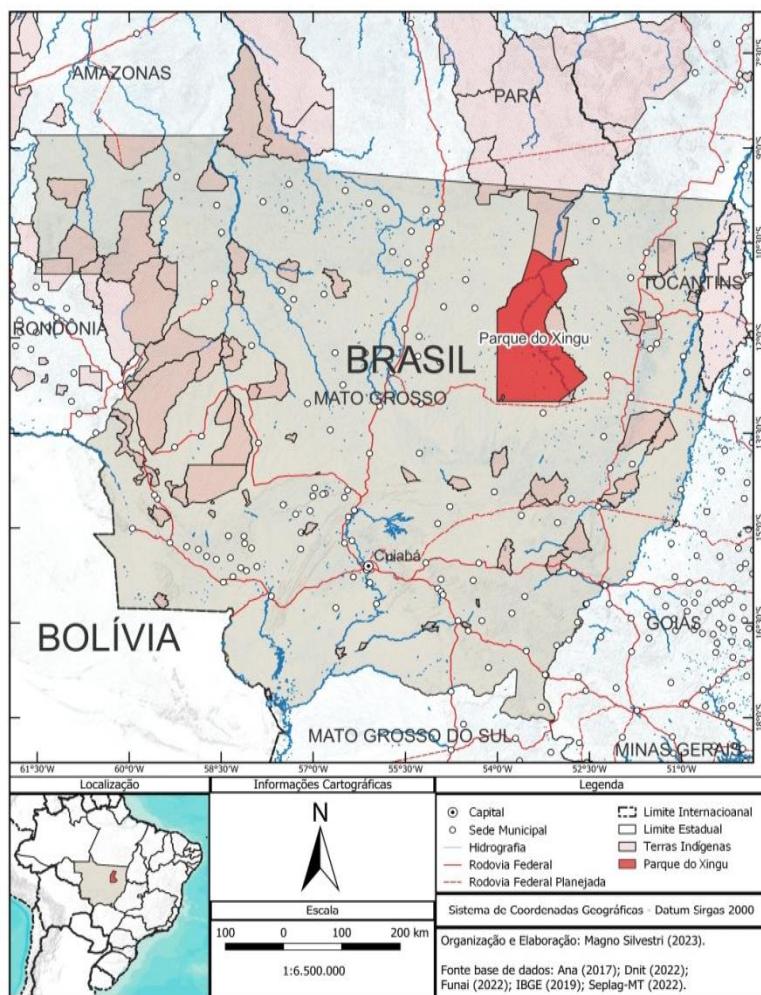
Assim, o olhar fundado na amizade recae aqui sobre dois mitos que são formas de organizar socialmente os desejos, os comportamentos, as festas, as tarefas de uma sociedade ou grupo.

Deste modo, lhes convido a percorrer um território de 26.420 km², que foi construído em 1961 no estado de Mato Grosso, Brasil, para proteger alguns povos dos novos invasores. Este lindo lugar que ainda protege nossa natureza contra o

² Normalmente, conhecemos a festa dos mortos do Alto Xingu pelo nome de Kwarup, palavra tupi-guarani que designa a festa e o tronco desenhado durante a celebração. A língua tupi-guarani é falada pelos Kamayurá. Neste texto, os mitos foram retirados de dois livros que os retratam a partir de conversas com indígenas Kamayurá, por isso, os termos nos mitos estão em tupi-guarani. Entretanto, ao longo do texto, como as três festas retratadas no presente texto, foram vivenciadas em terras de povos falantes da língua karib, usarei a diâde Egitsü/Kwarup para designar a festa, sendo Egitsü, o seu nome em karib e, Kwarup, a sua designação na língua dos Kamayurá, pertencente a família linguística tupi-guarani.

avanço do agronegócio se chama Parque Nacional do Xingu, ou ainda, Terra Indígena do Xingu.

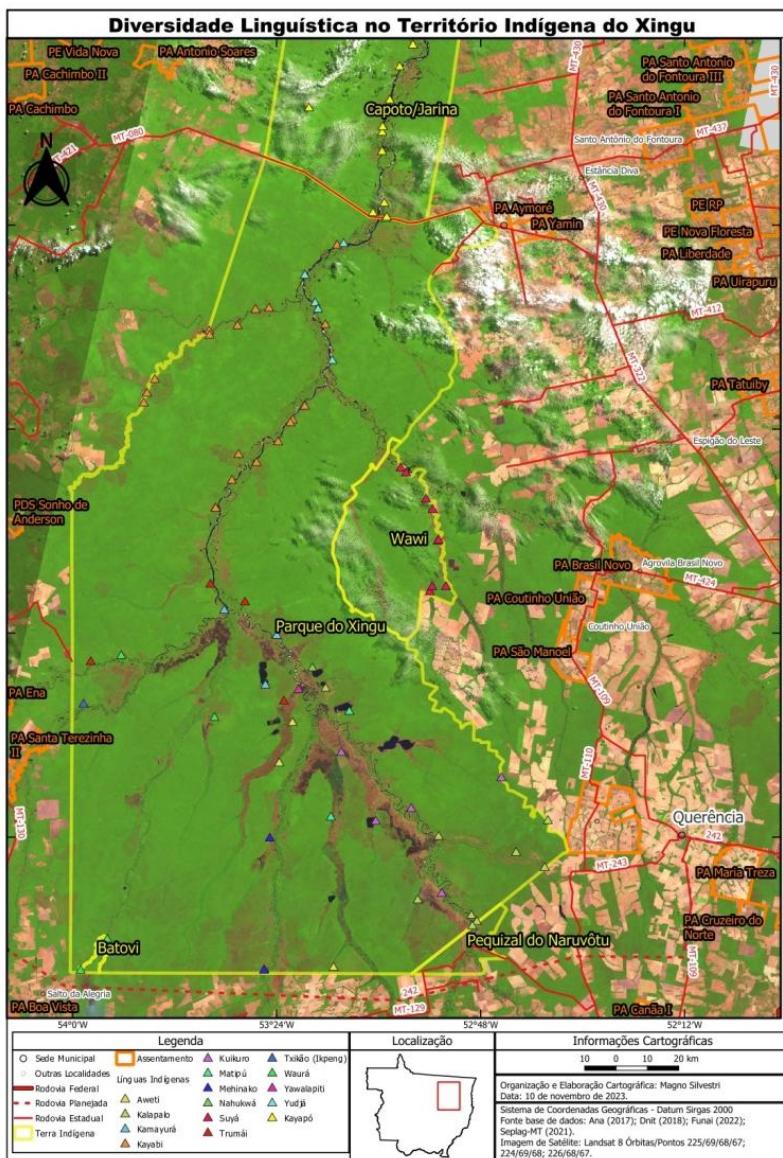
Mapa 1 – Parque Nacional do Xingu (Mapa elaborado por Magno Silvestri).



Ali, vivem 16 povos diferentes que falam as línguas Aruak, Tupi, Karib, Jê e Trumai, sendo divididas em dois grandes grupos: Alto Xingu e Baixo Xingu.

Como vemos no mapa abaixo, elaborado/criado pelo meu amigo geógrafo Magno Silvestri e compilado para compor originalmente meu livro “Egitsü” (2024), no Alto Xingu existem os seguintes povos: Waurá, Mehinaku, Yawalapiti (língua Aruak), Kuikuro, Matipu, Nahukwa, Kalapalo (língua Karib), Aweti e Kamayurá (língua Tupi). No Baixo Xingu, existem os Trumai (língua Trumai), Suyá (língua Jê), Juruna (Yudja), Kayabi (língua Tupi), Ikpeng (Txikão) (língua Karib).

Mapa 2 – Diversidade linguística no Território Indígena do Xingu (Mapa elaborado por Magno Silvestri).



Assim, após essa breve localização, lhes apresento o grupo do Alto Xingu, que é formado por nove povos que falam línguas de três famílias linguísticas diferentes. O mais bonito é que mesmo falando línguas diferentes e possuindo características particulares, esses povos compartilham visões de mundo e, consequentemente, formas de compreender a vida e a morte.

Para dar dois exemplos de suas formas de compreender a vida e a morte e de organizar a sociedade, vou contar-lhes dois mitos: o primeiro é o mito que sustenta a festa dos mortos e o segundo é a história de uma árvore muito importante para as celebrações desse grupo e que, além disso, é um alimento emblemático do centro-oeste brasileiro: o pequi.

Como existem nove grupos étnicos que falam línguas diferentes, o cerne do mito é geralmente o mesmo, mas há naturalmente distinções entre as formas de contá-lo. Para apresentar os dois mitos, vamos acompanhar as histórias contadas em língua tupi pelos Kamayurá, contidas nos livros de Pedro Agostinho (1974) e de Orlando e Cláudio Villas Boas (1975).

ALMEIDA, Leonardo Pinto de.
Notas e visões sobre o Egitsii/Kwarup

Vamos começar com a segunda história: o mito do Pequi.

Duas mulheres casadas com um homem trabalham no campo. No caminho para a roça, elas encontram um jacaré. Ele é bonito e interessante. Elas se apaixonam por ele. Nos dias subsequentes, elas contam ao companheiro que vão trabalhar na roça e levam *beiju*³ para comer por lá. Ele suspeita que haja algo de estranho e as segue.

Ele as vê com o jacaré e depois segue para a roça. Elas chegam mais tarde na roça e têm uma surpresa ao encontrá-lo. Nos dias seguintes, acontece a mesma coisa, até que um dia o homem encontra os três juntos e mata o jacaré.

As mulheres ficam tristes e decidem enterrar as cinzas do jacaré. Elas ficam lá esperando que algo nasça. Naquele lugar, cresce uma árvore até então desconhecida. A árvore dá muitos frutos. Eles vão amadurecendo, amadurecendo e elas percebem que os frutos não têm cheiro.

Um pássaro – o papagaio – passa por essas árvores, põe os frutos na boca e não entende por que um fruto tão bonito não tem cheiro. Então, ele leva para um homem chamado Murenayat que morava em Murena. Ele também não entende por que não há cheiro naquelas frutas maduras. Então, o papagaio disse-lhe onde estava a árvore.

Murenayat conversa com as mulheres e descobre que a árvore nasceu das cinzas do jacaré. Assim, ele sugere que as mulheres passem a fruta entre as pernas para que ela passe a ter cheiro. Elas fazem isso e, desde então, o fruto do pequi tem seu perfume peculiar.

Existem dois aspectos interessantes nesse mito.

A primeira coisa é que a história retrata uma sociedade permeada por um patriarcado de baixa intensidade (SEGATO, 2016; PAREDES, 2008). Ela é muito diferente da nossa. Quando as mulheres são surpreendidas, o jacaré é morto. Na nossa sociedade, fortemente machista, uma mulher é assassinada a cada 6 horas e a cada 4 horas uma mulher é vítima de violência em nosso país⁴.

O segundo e mais bonito é o ensino sobre a masturbação feminina e a caracterização do cheiro da fruta e das partes íntimas da mulher. Esse mito atinge a poética do olfato. Isto é algo raro mesmo na nossa poesia vanguardista.

O mito da festa dos mortos, chamado em tupi-guarani de Kwarup e de Egitsü em karib, será minha última incursão nos caminhos do mito neste texto para logo em seguida adentrarmos à festa propriamente.

Mawutisin tinha cinco filhas. Ele sentiu necessidade de cordas para seu arco. Entretanto, para obtê-las tinha que roubá-las na aldeia da onça.

A onça o vê roubando e aponta sua flecha na direção de Mawutisin. Ele diz que tem cinco filhas para casar com ela e pede que não o mate.

Quando ele chega a sua casa e explica às filhas o que aconteceu, todas dizem que não vão se casar com a onça.

Mawutsin fica preocupado, porque se nenhuma de suas filhas casar com a onça, esta irá matá-lo. Assim, vai até a floresta e retira seis troncos de árvores. Ele os enfeita, fazendo gente com eles e fica a noite toda rezando.

Ele coloca penas de pássaros para fazer os cabelos e sementes de mangaba para fazer os dentes. Quando ficaram bonitas, Mawutsin lhes disse que deveriam ir para a aldeia da onça.

Foram quatro delas, mas apenas duas conseguiram chegar ao porto da aldeia.

³ É um alimento importante na cultura altoxinguana, feito com a farinha de mandioca. Se assemelha ao que se chama, em outras regiões de nosso país, de tapioca.

⁴ Para uma leitura que indica os parâmetros estatísticos da violência contra a mulher no Brasil, ver as seguintes informações geradas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/77f6dcce-06b7-49c1-b227-fd625d979c85>.

Elas encontraram um casal de anus-pretos e os ouviram conversando entre si: “normalmente acham que somos negros, mas se enganam porque somos brancos”. Uma das mulheres ri ao ouvir isso.

Então, o anu foi contar à onça que havia duas mulheres esperando por ela.

A onça chega bem perto do porto e lança duas flechas de assobio⁵, que as mulheres tinham que pegar para aceitá-lo como companheiro. Elas não pegam.

Assim, o amigo da onça, o lobo, jogou duas flechas e elas as pegaram.

O lobo as levou para sua casa. Mesmo assim, na casa do lobo, não tinha comida, não tinha beiju. Ele só comia frutas.

Aí, elas foram até a casa da onça e ficaram...

Uma delas engravidou de duas crianças.

Um dia, quando a onça foi caçar. A mulher que estava grávida ficou com a sogra, a mãe da onça.

Ela estava tirando piolhos da cabeça da sogra e a certa altura começou a rir porque um dos piolhos entrou em sua boca. A sogra achou que ela estava zombando dela e, por isso, matou-a e fugiu.

Quando a onça voltou da caça, ao ver sua esposa morta, pediu ajuda ao avô, a formiga, para fazer o parto. E, assim, nasceram *Kwat* e *Yal* (o Sol e a Lua, respectivamente).

Depois que cresceram, os irmãos foram roubar amendoim nas terras da avó, a perdiç. Ao descobrir quem eles eram, ela disse-lhes que a mulher que os criou não era a mãe deles e que a mãe da onça a havia matado. Disse também onde estava o corpo de sua mãe. Os irmãos choraram, mas eles foram visitar sua avó para matá-la.

Depois procuraram o corpo da mãe. Eles tinham a intenção de fazer um tronco para ressuscitá-la com a ajuda de Mawutsinin, mas ele lhes disse que agora, o tronco, o Kwarup, só poderia servir para recordar e não mais para lhes dar vida.

Foi assim que foi realizado o primeiro Kwarup, festa que até hoje celebra a vida e a morte nas aldeias do Alto Xingu. Seu mito é um exemplo de como a compreensão da conexão profunda com a natureza pode ampliar a ideia de humanidade e colocar em questão a dinâmica da hierarquia entre os seres.

Agora, passemos à festa propriamente dita.

Reitero que esse texto é uma forma de compartilhar os efeitos dos encontros que tive com meus amigos Kalapalo, Nahukwa e Kuikuro.

Desde 2019, fui tomado pelo fascínio com a festa em suas dimensões estéticas, éticas e políticas. Deste encontro, produzi um conto intitulado “Egitsü ou a humanidade que nos convém”, contido em meu livro “Quiçaças e Agouros”, contemplado pelo Prêmio Estevão de Mendonça de Literatura/MT no ano de 2020.

Como sigo próximo aos amigos altoxinguanos, no entanto, e já fui outras vezes à celebração, passei a perceber nuances e detalhes cada vez que me deparei com a festa. Assim, este pequeno texto será um modo singelo de apresentar, através do olhar do amigo, com a ajuda de fotos e de palavras, a intensidade, elegância e sofisticação da celebração em questão.

Sigamos as pistas calcadas em imagens e palavras.

A festa do Egitsü/Kwarup ocorre nos meses de agosto e setembro. Aqueles

⁵ Em seu texto “*Mitos e outras narrativas Kamayura*”, Pedro Agostinho (2009) especifica que essa flecha é feita comumente de cana de ubá, tendo em sua ponta um coquinho que produz o seu silvo característico e peculiar.

que aceitam fazer a celebração em homenagem aos seus familiares que morreram devem prover à aldeia, aos convidados e aos visitantes de alimentos, como pequi, beiju e peixe; e de fogo para aquecer os visitantes durante a noite que antecede o dia derradeiro, onde ocorrerão as lutas de huka-huka entre a equipe anfitriã (composta pelos lutadores do seu povo, em conjunto com os provenientes do povo convidado que tem algum laço consanguíneo com pelo menos um dos homenageados) e as equipes dos diferentes povos visitantes que se apresentam para a luta na noite que a antecede.



Foto 1 – Preparação do peixe para alimentar todas as pessoas envolvidas na festa. Aldeia Kuikuro, setembro de 2024.
(Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 2 – Peixes pescados para o consumo durante a festa. Aldeia Nahukwa, agosto de 2023. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 3 – Preparação do beiju. Aldeia Nahukwa, agosto de 2023. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 4 – O pequi é um importante alimento para os povos do Alto Xingu. Ele é consumido durante a celebração em forma de caldo muito forte e saboroso. Aldeia Nahukwa, agosto de 2023. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 5 – Peixe com beiju. Um alimento excelente e muito gostoso, consumido durante os dias de celebração. Aldeia Kuikuro, setembro de 2024. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Aqui, neste breve texto-imagem, encontraremos o percurso da festa em três ocasiões: Kalapalo, 2019; Nahukwa, 2023; e Kuikuro, 2024, sendo que foram três os homenageados na aldeia Nahukwa e dois em cada uma das outras aldeias.

Quando um membro ilustre do povo morre, no momento de enterrar o corpo no centro da aldeia, os familiares são perguntados se aceitam fazer o seu Egitsü/Kwarup. A partir de então, uma série de procedimentos e rituais são desdobrados até o período em que será finalizado o processo de luto com a festa. Ela normalmente é feita nos meses de agosto e setembro para ser possível prover de alimentos todos os envolvidos.

A festa que é a finalização do luto se dá normalmente em três dias.

No primeiro dia, chega o povo convidado para a festa. Pelo que entendi das conversas com os amigos altoxinguanos, normalmente, são convidados para passar o processo de luto um povo que tem algum laço consanguíneo com um dos homenageados. Pelo menos, esta é a preferência. No caso do Egitsü/Kwarup de setembro de 2024, os Kamayurá não puderam vir como convidados na aldeia Kuikuro, porque estavam de luto devido à morte do cacique Kotok Kamayurá. Então, os Kalapalo foram os convidados que ajudaram no processo de passagem dos homenageados na festa desta ocasião.

Com a chegada dos convidados, os donos da festa começam a retirada do luto anunciando os lutadores de seu povo que os representarão na luta de huka-huka. A cada anúncio dos nomes dos lutadores, estes se posicionam para aguardar o fim da escalação da equipe. Neste momento, o povo anfitrião luta com os convidados que depois deste momento se juntarão para formar uma equipe conjunta para lutar com os visitantes no último dia⁶. Os convidados não só se juntam na equipe derradeira de huka-huka como auxiliam no processo de preparação dos troncos, na dança ritual e na música das flautas e maracas.

A luta se dá, neste primeiro momento, entre os lutadores mais importantes de cada povo. Logo após a finalização entre os lutadores mais eminentes, o campo

⁶ Tracei ao longo deste texto, uma diferença entre convidados e visitantes para entendermos os papéis na festa de cada povo. Temos o povo encarregado de fazer a festa (anfitrião), o povo que vem se juntar ao processo de luto, ficando na aldeia desde o primeiro dia (convidado) e os povos que se apresentam aos anfitriões e aos convidados para receber o fogo na noite que antecede a luta de huka-huka (visitantes). Os visitantes recebem fogo e alimento para passarem à noite no acampamento fora da aldeia, sendo que cada um dos povos indica dois de seus cantores para se apresentarem para o processo de passagem dos espíritos daqueles que são homenageados.

se abre para outras lutas feitas simultaneamente entre lutadores mais jovens ou em formação.



Foto 6 – Formação da equipe de huka-huka Nafukua, na abertura do Egitsü/Kwarup, em agosto de 2023 (1º. Dia).
(Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 7 – Luta de huka-huka, primeiro dia, aldeia Nahukwa, agosto de 2023 (1º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 8 – Lutas simultâneas de huka-huka, primeiro dia, aldeia Nahukwa, agosto de 2023 (1º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

No segundo dia, os anfitriões e convidados preparam os troncos que, como no mito evocado no início deste texto, tem o intuito de lembrar aqueles que morreram. Assim, o processo de luto gira em torno do centro da aldeia, que é onde serão pintados e adornados os troncos para promover a passagem dos espíritos daqueles que se foram.



Foto 9 – Pintura do tronco, aldeia Nahukwa, agosto de 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 10 – Pintura do tronco, aldeia Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 11 – Pintura do tronco, aldeia Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 12 – Pintura do tronco, aldeia Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 13 – Troncos pintados, aldeia Kuikuro, setembro de 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 14 – Troncos pintados, aldeia Nahukwa, agosto de 2023 (2º. Dia) (Foto de Leonardo Pinto de Almeida).

Enquanto se pintam os troncos, os músicos da flauta (*Atanga* em karib e *Uruá* em tupi-guarani) passam em todas as casas para uma espécie de purificação. A música é necessária para a harmonia da aldeia e a passagem dos espíritos para o mundo dos mortos.

A impossibilidade de captar o som na imagem é um motivo de tristeza. Essa flauta é um dos sons mais bonitos que já escutei no universo musical.



Foto 15 – Músicos da flauta *atanga/uruá*, saindo de uma casa para fazer a volta pelas casas da aldeia Nahukwa, agosto de 2023. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 16 – A flauta *atanga/uruá*. Aldeia Kalapalo, 2019. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 17 – A flauta *atanga/uruá*, aldeia Nahukwa, agosto de 2023. (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Os cantores com suas maracas também cantam para alegrar os espíritos. Eles ficam à noite toda se revezando para manter o processo de passagem até o amanhecer da segunda noite.



Foto 18 – Os cantores com suas maracas, no primeiro dia da celebração, Nahukwa, 2023 (1º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 19 – Os cantores, Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 20 – Momento de descanso para os cantores, Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 21 – A magia da música: o momento quando se encontram flautistas e cantores, Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 22 – Os cantores e suas maracas, Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



ALMEIDA, Leonardo Pinto de.
Notas e visões sobre o Egitsii/Kwarup

Foto 23 – Os cantores juntos aos troncos pintados, Kuikuro, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 24 – Os cantores com suas maracas, Kuikuro, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 25 – Um momento de descanso, Kuikuro, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Depois de terminados os desenhos dos troncos, os donos da festa têm seus cabelos cortados e são lavados para o fim do luto. É importante salientar que, quando alguém morre, aqueles que permanecem deixam de cortar os seus cabelos como sinal do processo de luto. Este momento do corte e do banho antecede a dança ritual até os troncos para iniciar a despedida que durará a noite toda com o auxílio dos cantores e suas maracas.



Foto 26 – Cortes dos cabelos dos donos da festa (processo de saída de luto), Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Neste segundo dia, além da pintura dos troncos, os membros da aldeia cantam e dançam para dar força aos familiares neste processo. Os sons de pássaros que evocam muito me marcaram. Uma vez em casa escutei a melodia ritmada dos pássaros que os inspiram. Desde então, de vez em quando sou levado pelos sons dos pássaros e pelas asas do pensamento até as terras altoxinguanas.

A magia da música é que ela nos transporta.

Os cantos e as dançam abrem o espaço para o caminho dos espíritos.



Foto 27 – A dança Aüguhi, Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 28 – A dança Aüguhi, Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 29 – A dança Aüguhi, Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 30 – A presença feminina na dança Aüguhi, Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

ALMEIDA, Leonardo Pinto de.
Notas e visões sobre o Egitsii/Kwarup



Foto 31 – A dança Aüguhi, Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

A aldeia canta e dança para chegar junto aos troncos, evocando esses que se foram. Depois, vão à casa dos familiares para trazê-los para perto dos seus.



Foto 32 – Encontro dos dançarinos com os troncos desenhados que antecede a chegada dos familiares, Kalapalo, 2019 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 33 – Cantos que antecedem a chegada dos familiares, Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 34 – Chegada dos familiares, Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 35 – Chegada dos familiares, Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Quando os familiares chegam, choram. É um choro muito forte. Ele materializa a percepção de que os troncos não podem mais reviver aqueles que amamos; a partir de agora, os troncos só podem servir para relembrá-los. É uma cena por deveras intensa e emocionante.

Durante o processo do choro coletivo, os presentes vão adornando os respectivos troncos até chegarem à sua composição final.



Foto 36 – Este grafismo é o desenho de uma guela de peixe. Ele indica que o tronco desenhado é de uma mulher. Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 37 – Este grafismo é a pintura da armadilha de pesca Tihigu. Ela sempre é colocada em um tronco correspondente a um homem (FRANCHETTO, 2015). Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 38 – Troncos pintados e adornados, Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

No final do segundo dia, é o momento de chegada dos povos que se unirão à festa para a luta de huka-huka que terá lugar na manhã do dia seguinte. Designei esses povos como visitantes no presente texto, mesmo tendo a impressão de que é um mau vocábulo, já que o ritual que segue concomitante à dinâmica dos dias anteriores é o de chamá-los para a festa através de uma delegação de convidados. Esse é o termo usado pelos meus amigos altoxinguanos.

Para se ter uma ideia, neste último Egitsü/Kwarup que participei, na aldeia Kuikuro, os Kalapalo participaram na preparação dos troncos, nas danças e se juntaram à equipe Kuikuro para o huka-huka. Os convidados foram chamar os seguintes povos para a festa: os Mehinako, os Wauja, os Yawalapiti, os Matipu e os Aweti.

Antes da chegada dos povos visitantes, os donos da festa já estão pintados, com os cabelos arrumados com urucum e prontos para acolher aqueles que chegarão. A estética se conecta profundamente com a política no universo altoxinguano, mostrando que o convívio entre povos tão diversos constitui a base de uma sociedade sólida, onde a ética está na ordem do dia, uma ética que leva em consideração a necessidade da partilha, da abundância e da conexão e respeito à natureza e ao outro.



Foto 39 – Os donos da festa Nahukwa, 2023 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Cada um dos povos chega separadamente com suas cores e símbolos cantando para se apresentarem diante dos anfitriões. Neste último Egitsü/Kwarup, consegui captar melhor a dinâmica deste momento da festa.

Eles chegam para receber o fogo que os ajudará a passarem a noite no acampamento fora da aldeia. Eles cantam uma música que conota a bravura que se materializará na luta de huka-huka do dia seguinte. Os lutadores que os representarão, no entanto, não estão presentes, já que a proximidade com os espíritos pode enfraquecer-lhos para a luta.

Esse canto forte e intenso impressiona. Eles fazem um círculo em torno do fogo até o pegarem para ir ao acampamento. O fogo é levado na madeira de flecha que é muito resistente e possibilita que o transportem até onde irão dormir.



Foto 40 – Ritual de entrega do fogo para os visitantes. Infelizmente, as fotos das danças circulares que antecedem a retirada do fogo não foram possíveis, devido à escuridão, Kuikuro, 2024 (2º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 41 – Cantos e maracas ao anoitecer, Nahukwa, 2023 (2º. Dia) (Foto de Leonardo Pinto de Almeida).

Entre cada cantoria em dança circular dos visitantes, o povo anfitrião também dança e canta em torno do fogo. Depois, prepara o mesmo para o seguinte povo que virá buscar essa que é uma das coisas que deve ser disposta para os convidados pelos donos da festa.

Cada povo que chega para pegar o fogo oferece para os donos da festa, pelo menos, dois de seus cantores para ajudar a animar os espíritos para sua passagem nesta segunda noite da festa. As apresentações de cada dupla de cantores ocorrem entre momentos do choro ritual. Esse processo dura à noite toda.

Quando as duplas de cantores visitantes terminam, recebem peixes e beiju para o seu povo como sinal de agradecimento e acolhida e o choro ritual recomeça. É muito bonita à dinâmica que ocorre durante a madrugada. Existem três grupos, pelo menos, que interagem à noite - um que está dentro da casa dos homens com uma fogueira, outro que seria composto pelos familiares e donos da festa no local onde estão dispostos os troncos e, um terceiro, o dos cantores que

se apresentam. Esses grupos estão em uma conjunção harmônica que impressiona. A minha limitação e ignorância de não entender a língua karib me causa certa tristeza, mas esta mesma condição me possibilita escutar a musicalidade da língua e entender como se orquestra a harmonia entre os grupos que cantam, dançam, choram e dão apoio aos outros.

Da casa dos homens, ecoam notas que apoiam tanto os familiares quanto os cantores. É como se essas notas preenchessem as pausas musicais dos outros dois grupos para dizer a eles que estão juntos para que o processo seja completo.

O ritmo e a dança cadenciada dos cantores com suas maracas tornam a passagem possível. A parte mais bonita para mim é quando levantam o corpo para entoarem algo que soa aos meus ouvidos ignorantes como um refrão que me arrebata.

E a intensidade do choro ritual é acachapante. Não precisamos saber o idioma para entender que com familiares como esses os espíritos conseguem fazer sua passagem com o apoio real, calcado no pertencimento.

Quando as luzes do sol vêm fazer sua morada na aldeia, os lutadores estão prontos, pintados e adornados para o momento esperado. Os visitantes chegam de todos os lados da aldeia de onde estavam acampados e os lutadores do povo anfitrião saem em uma dança reta para se apresentarem diante dos donos da festa.

No último Egitsü/Kwarup, os Kuikuro e os Kalapalo se dispuseram em semi-círculo de costas para os troncos. Os donos da festa anunciaram seus lutadores para cada conjunto de lutas. Eles lutaram com cada um dos povos visitantes - Mehinako, Wauja, Yawalapiti, Matipu e Aweti. Lutaram assim cinco vezes. O anúncio foi feito para cada combate com outro povo. Quando terminou o conjunto de lutas individuais com o primeiro povo, se deram as lutas coletivas com o mesmo. Depois disso, foi retomado o ciclo de anúncios, lutas individuais e lutas coletivas até se finalizarem os combates com os cinco povos visitantes.



Foto 42 – A chegada de um dos povos que foram convidados para o huka-huka nos Kalapalo (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 43 – Um dos povos visitantes chegam com seus lutadores de huka-huka, Kalapalo (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 44 – Os donos da festa Kalapalo se preparam para a evocação de seus lutadores (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

ALMEIDA, Leonardo Pinto de.
Notas e visões sobre o Egitsii/Kwarup



Foto 45 – Formação dos lutadores anfitriões para a primeira luta. Kalapalo (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 46 – Os Kuikuro/Kalapalo saem da oca em fila para se apresentar diante dos donos da festa (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 47 – Os donos da festa chamam os lutadores que serão seus representantes para a luta, Kuikuro (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 48 – No final do anúncio dos lutadores, os donos da festa indicam aos adversários que estes os representarão para dar início à série de lutas, Kuikuro, 2023 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 49 – Formação de lutadores, Nahukwa, 2023 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 50 – Luta huka-huka, Nahukwa, 2023 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 51 – Luta huka-huka, Nahukwa, 2023 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 52 – Luta huka-huka, Nahukwa, 2023 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 53 – Luta huka-huka, Kuikuro, 2024 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 54 – Luta huka-huka, Kuikuro, 2024 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 55 – Luta huka-huka, Kuikuro, 2024 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 56 – Luta huka-huka, Kuikuro, 2024 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

ALMEIDA, Leonardo Pinto de.
Notas e visões sobre o Egitsii/Kwarup



Foto 57 – Durante as lutas, se percebe a presença das crianças, Kuikuro, 2024 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 58 – A presença das mulheres é marcante durante as lutas, Nahukwa, 2023 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)



Foto 59 – Os espectadores, Kuikuro, 2024 (3º. Dia). (Foto de Leonardo Pinto de Almeida)

Este momento das lutas de huka-huka é muito bonito, por causa da presença das mulheres e das crianças de forma marcante. Elas se põem a torcer pelos seus lutadores e algumas mulheres mais velhas ficam no centro da luta a torcer e a discordar dos resultados.

Vence a luta quem derruba o oponente ou quem toca a parte interior da coxa do adversário. Muitas vezes, os próprios lutadores decidem pelo empate.

Depois das lutas terminadas, são entregues, por homens e mulheres do povo anfitrião, peixes e beiju como agradecimento aos representantes dos visitantes. Depois desse momento, a festa termina e há um esvaziamento paulatino da aldeia porque seus convidados começam a ir para suas casas. Assim, o processo chega ao seu fim.

Uma última curiosidade é que encontrei alguns troncos de Egitsü/Kwarup anteriores no rio e perguntei se havia alguma sacralização do mesmo. Pelas conversas, no entanto, com nossos amigos altoxinguanos, entendi que depois da festa os troncos deixam de representar os seus familiares mortos, porque os espíritos fizeram sua passagem e os troncos são apenas troncos.

Assim, depois desse singelo caminho pelos sendeiros da Terra Indígena do Xingu, só me resta agradecer ao acolhimento dos meus amigos altoxinguanos e esperar que, neste breve percurso feito de palavras e imagens, as leitoras e os leitores possam ter feito uma boa viagem.



Foto 60 – Troncos de festas passadas dispostas no rio (Foto de Leonardo Pinto de Almeida).

Referências

- AGOSTINHO, P. *Kwaríp: mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo: Edusp, 1974.
- AGOSTINHO, P. *Mitos e outras narrativas Kamayura*. Salvador: EdUFBA, 2009.
- ALMEIDA, L.P. *Egitsü*. Rio de Janeiro: Livros Livres, 2024.
- BOAS, O.V.; BOAS, C.V. *Xingu: os índios, seus mitos*. RJ: Zahar Editores, 1970.
- CASTRO, E.V. A inconstância da alma selvagem. SP: Ubu, 2017.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). Levantamento de feminicídio 2023. Publicado em 07/03/2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/77f6dcce-06b7-49c1-b227-fd625d979c85>. Acesso em: 10/11/2024.
- FRANCHETTO, B. (org.). *Iku Ügühütu higei, arte gráfica dos povos karib do Alto Xingu (Textos e ilustrações dos mestre Karib do Alto Xingu)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2015.
- PAREDES, Julieta. *Hilando Fino (Desde el feminismo comunitario)*. La Paz: CEDOC, 2008.
- SEGATO, R. L. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficante de Sueños, 2016.